

1

Demónios e Dragões

Recordo-me da estranha humidade durante esse primeiro setembro que passei na cidade. Recordo-me do cheiro a ranço e do ruído constante quando os lojistas subiam e desciam os estores de aço. Recordo-me do som dos carros e das motos a reverberar contra os velhos edifícios de pedra, do som de passos e das vozes que ecoavam nas ruas estreitas. Estava-se em 1975, dois meses antes da morte do general Franco. Eu tinha vinte anos e acabara de chegar a Barcelona.

Os edifícios da Rambla, a longa avenida ladeada de árvores entre a Plaça de Catalunya e o porto, eram tão diferentes como cada rosto que nos avaliava durante uma fração de segundo antes de passar. Essa artéria, movimentada a qualquer hora, era um mundo completamente novo onde se podia deambular à descoberta. Os quiosques que vendiam jornais e livros estavam abertos dia e noite. Durante o dia, uma determinada extensão de passeio tinha quiosques que vendiam flores e outra tinha quiosques onde se vendiam animais. As pessoas passavam horas a fio sentadas em mesas no exterior a ver quem passava.

Embora não soubesse espanhol, compreendi que a Rambla tinha os seus costumes e regras próprios. Por exemplo, as pros-

titutas vindas do porto não passavam para além de um determinado ponto. Ninguém parecia dirigir-se a um sítio em particular. E a maioria das pessoas passeava com todo o vagar. Nas manhãs de domingo, as famílias enchiam a Rambla, a andar para cima e para baixo à sombra dos plátanos. Experimentei todos os bares. Punha-me junto dos quiosques a tentar decifrar os cabeçalhos dos jornais e os títulos dos livros.

Uma noite, perto da Catedral, percorri uma viela estreita que ia desembocar numa pequena praça. Tudo estava em silêncio, mergulhado na escuridão e como que escondido. Uma das paredes tinha sido gravemente danificada por estilhaços de obus ou por balas. Enquanto estive lá, ninguém passou pela viela e não se ouviu um som além do fio de água que corria de uma pequena fonte no meio da praça.

Comecei a frequentar a cidade antiga. Mal podia esperar que escurecesse, que acendessem os candeeiros nas paredes e que as ruas se tornassem fantasmagóricas, mergulhadas em sombras. Aquele era o mundo tardomedieval dos mestres artesãos, dos canteiros, pedreiros, escultores e arquitetos que sobrevivia intacto no meio da cidade.

Quando arranjei trabalho como professor e decidi ficar na cidade durante algum tempo, comecei a estudar a língua e, em janeiro, estava confiante de que tinha feito alguns progressos. Uma noite, fui convidado para jantar num pequeno apartamento do Bairro Gótico. Os outros convidados eram naturais da cidade. À medida que a conversa se prosseguia, dei-me conta de que não entendia uma única palavra do que diziam. Todas as noites passadas a absorver as subtilezas e singularidades da gramática espanhola haviam sido em vão. Só quando alguém me pediu desculpa por estar a falar em catalão, excluindo-me assim da conversa, percebi qual era o problema.

Segundo me explicaram, todos eles, as famílias e amigos, falavam catalão como primeira língua, embora também fossem

fluentes em espanhol. No entanto, a maioria não sabia escrever essa língua e eram poucos os que alguma vez tinham lido um livro em catalão. Explicaram-me que esse idioma não era apenas falado em aldeias e locais recônditos, mas que era usado pelas classes prósperas de Barcelona. Franco tinha proibido o seu uso público em 1939.

Descobri que o catalão não é um dialeto do espanhol nem do provençal, embora tenha ligações estreitas com ambos. Algumas palavras, como *casa*, por exemplo, são iguais em espanhol. Outras, como *mangar* (comer) estão próximas do francês ou do italiano. A maioria dos vocábulos que designam frutos, vegetais e especiarias são completamente diferentes do espanhol. A maneira de formar o pretérito perfeito simples não se assemelha a nenhuma língua. A conjugação perifrástica do imperfeito forma-se mais ou menos como em espanhol e o imperfeito do conjuntivo forma-se como em italiano.

O catalão é uma pura língua latina e não possui sons árabes. Assim, a pronúncia da palavra «Barcelona» não tem o som inglês «th» que se ouve na série *Fawlty Towers*. Os sons do catalão são duros e guturais. A língua está repleta de substantivos curtos e incisivos como *cap* (cabeça), *fill* (filho) e *clau* (chave); e o mesmo quanto aos verbos: *crec* (creio), *vaig* (vou) e *vull* (quero).

Na altura em que comecei a aprender catalão, em 1976, não precisava apenas da língua para acompanhar as conversas em jantares, mas também para acompanhar o que a multidão gritava nas ruas e para ler o que estava escrito nas paredes. Nesse ano, a língua que fora privilégio da classe média da cidade e que, desde a Guerra Civil, fora usada sobretudo portas adentro, saía agora para as ruas como uma vingança.

Em 1977 era como se nunca tivesse sido proibida. A nova Espanha estava preparada para permitir à Catalunha uma certa autonomia e à língua catalã um certo respeito oficial. Nesses

anos em que vivi em Barcelona, a Rambla deixou de ser o centro da vida na cidade e passou a ser um centro de divergência política, onde a multidão se opunha à polícia, onde gás lacrimogéneo e balas de borracha eram disparados e havia cargas policiais à bastonada. Quando subia a Rambla todas as manhãs para ir trabalhar tinha de passar por jipes carregados de polícias, vestidos de cinzento e com metralhadoras apontadas aos transeuntes. Porém, na altura em que deixei a cidade, em 1978, a Rambla voltara a ser igual a si própria, a democracia, pelo menos de momento, estava salvaguardada e os cidadãos de Barcelona podiam mais uma vez deambular em liberdade na Rambla e analisarem-se uns aos outros por breves instantes.

Regressei ao meu país e voltei a Barcelona de férias umas quantas vezes ao longo dos anos. Uma vez por outra, na Irlanda, encontrava alguém que falava catalão. Ouvir de novo a língua, fazia-me reviver tudo: a beleza da cidade velha, os grafítis em vermelho nas paredes da Catedral, o fermento político, o cheiro a alho, os rostos rebeldes numa manifestação frente à polícia, as palavras de ordem, a liberdade sexual e o calor.

Em janeiro de 1988 regressei a Barcelona para escrever este livro. Fiquei lá durante o ano inteiro e, desde então, tenho um quarto na cidade. As pessoas perguntam-me se Barcelona mudou; algumas das alterações foram óbvias, como os nomes das ruas, agora só em catalão. A criminalidade aumentou. Mas, mesmo assim, não sabia bem o que responder. No último domingo de setembro de 1988, e também o último dia da festa de la Mercè, que não era celebrada durante o franquismo, senti-me de novo suficientemente à vontade, como que em casa, para olhar à minha volta atentamente, tirar notas e talvez fazer um inventário.

Nessa manhã mal se conseguia avançar pela Rambla: a avenida estava tão apinhada como sempre, mas o troço entre o porto e o Gran Teatre del Liceu parecia mais esqualido do que nunca. Dava a sensação de que pessoas que deviam estar na cadeia an-

davam a passear em liberdade e que a polícia podia carregar a qualquer momento.

Aquela era a zona frequentada por Picasso nos anos em que viveu na cidade; foi ali que George Orwell, em maio de 1937, viu, fascinado, a multidão construir barricadas com rapidez e habilidade. Agora havia homens por ali de pé, à espera e a ver o que se passava, enquanto à sua volta vendedores ambulantes vendiam bijuteria e tapetes, cassetes baratas e roupa indiana.

A Rambla começou como um pequeno curso de água, um rio sazonal cujo leito era usado como estrada na estação seca. No século XIV, quando a cidade cresceu, foi rodeada por novas muralhas; mais tarde, no século XVIII, o curso de água foi desviado e tornou-se a rua que Federico García Lorca tinha esperança de que continuasse para sempre. Alguns dos edifícios são do século XVIII: o Palácio da Virreina, perto do mercado, foi construído na década de 1770, tal como a Casa March, mais abaixo do outro lado. Mas a maioria data do século XIX, como o Gran Teatre del Liceu, construído em 1847 e reconstruído em 1861, depois de um incêndio, e reconstruído mais uma vez em 2000, depois de outro incêndio.

Alguns dos edifícios foram construídos num estilo que mais tarde tornou a cidade famosa: usando azulejos, mosaicos e motivos florais, misturando imagens medievais com os estilos do movimento Arte Nova, com decoração e cor no exterior dos edifícios. A Antiga Casa Figueres, por exemplo, foi construída em 1902, tendo sido restaurada recentemente e reutilizada como pastelaria.

Do outro lado da rua, um banco comprou e restaurou a Antiga Botica Bruno Cuadros, terminada em 1885 com toda a cor elaborada e decoração subtil do seu pasticho original do estilo japonês. Mas estes edifícios destacam-se na Rambla; na altura em que havia dinheiro suficiente para construir em Barcelona, a Rambla deixara de estar na moda, sendo substituída pela Rambla de Catalunya e pelo Passeig de Gràcia.